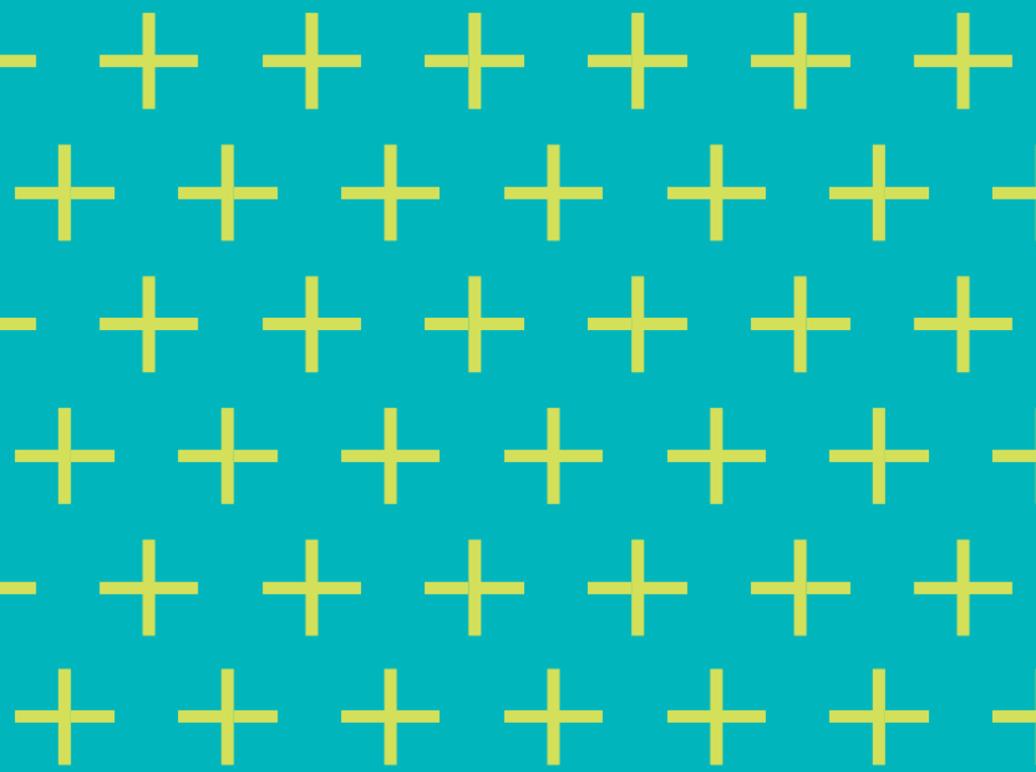
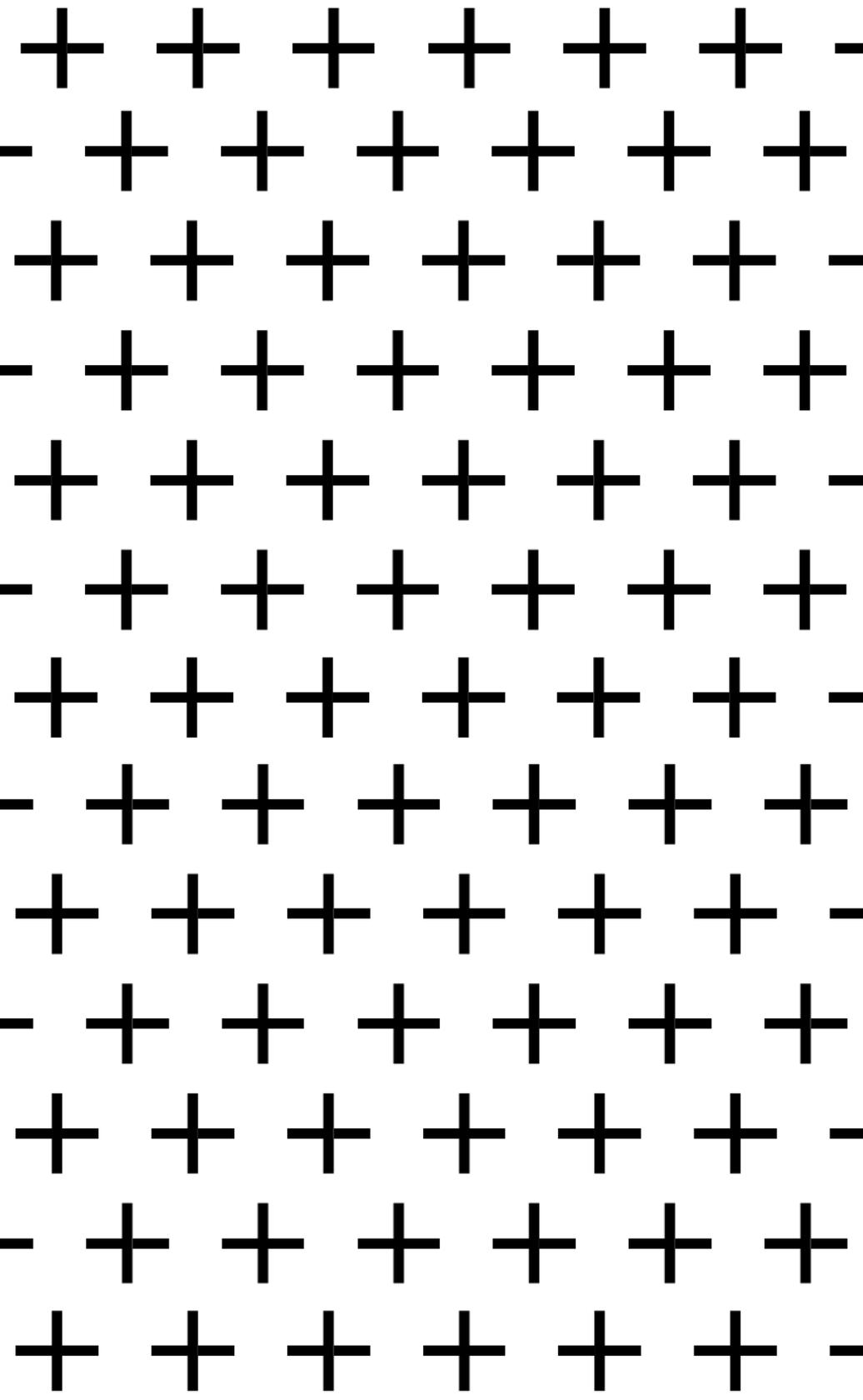


HOSPITAL -BAZAR

Altair Martins





HOSPITAL -BAZAR

Altair Martins

© EDIPUCRS 2019

CAPA

Thiara Speth

REVISÃO DE TEXTO

Carina Camacho

DIAGRAMAÇÃO

Maria Fernanda Fuscaldo

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o QR Code e confira!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386h Martins, Altair Teixeira
Hospital-bazar / Altair Teixeira Martins. Porto Alegre :
EDIPUCRS, 2019.
103 p.

ISBN 978-85-397-1318-9

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Contos – Rio –
Grandenses. I. Título.

CDD 869.9937

Loiva Duarte Novak – CRB-10/2079

Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.

CONSELHO EDITORIAL EDIPUCRS

Chanceler Dom Jaime Spengler

Reitor Evilázio Teixeira | **Vice-Reitor** Jaderson Costa da Costa
Carla Denise Bonan (Presidente), Luciano Aronne de Abreu (Editor-Chefe),
Adelar Fochezatto, Antonio Carlos Hohlfeldt, Cláudia Musa Fay, Gleny T.
Duro Guimarães, Helder Gordim da Silveira, Lívia Haygert Pithan, Lucia
Maria Martins Giraffa, Maria Eunice Moreira, Maria Martha Campos,
Norman Roland Madarasz, Walter F. de Azevedo Jr.



Editora Universitária da PUCRS

Fone/fax: (51) 3320 3711

E-mail: edipucrs@pucrs.br

Site: www.pucrs.br/edipucrs

+ SU
MÁ
RIO

PREFÁCIO	+ 8
SITUAÇÃO	+ 14
PERSONAGENS	+ 16
UMA ATRIZ LÊ <i>HOSPITAL-BAZAR</i>	+ 100

+PRE

FÁ

CIO

É COM GRANDE alegria que brindamos à publicação de mais uma obra da dramaturgia brasileira, ainda mais neste momento de censura à arte e à educação, no qual as palavras são sinônimo de ameaça e o teatro é acusado de vulgaridade. É impossível pensar a arte de modo dissociado de questões políticas. Em alguns casos, esse entrelaçamento é ainda mais marcado.

Hospital-Bazar é a segunda obra dramática do escritor gaúcho Altair Martins, conhecido por suas composições em prosa e que vem, nos últimos anos, mergulhando com êxito neste universo indecifrável que é a escritura teatral. Depois de *Guerra de urina*, lançado em 2018 pela EdiPUCRS, *Hospital-Bazar*, como o próprio nome indica, associa o sistema de saúde a um preceito de comércio que se instaura como um projeto político e econômico, implicando também o extermínio do sistema educacional.

Nas peças de Altair Martins, nota-se uma inclinação ao delineamento de situações e personagens absurdos, ao uso de alegorias, metáforas surpreendentes e afirmações provocadoras. Por meio de tipificações que beiram o surreal, Altair constrói circunstâncias e tempos que coabitam. De um lado, uma Professora-mestra determinada a seguir com suas aulas, enquanto agentes de saúde tentam “desmontá-la” para transformar a antiga escola em um hospital; de outro, o processo de acusação do ensino como mecanismo ideológico, encontrado atualmente em projetos políticos de destruição da educação pública. Ficção e realidade se mesclam de modo irrefutável.

Há personagens pitorescos como O Bode Chamado Néelson, que se comunica apenas com sons e gestos; Milton, um paciente que tem um metro e meio a mais de perna e que deseja amputá-la; O Diretor Tarado; O Desmontador; entre outros seres que compõem os diferentes tempos evocados. A obra trata também de questões relativas aos abusos morais e sexuais no trabalho, à culpabilização da mulher, às problematizações sobre o aborto, à indústria farmacêutica, aos lucros gerados por uma sociedade doente e aos sacrifícios que os professores fazem, ao mesmo tempo em que questiona o sistema tradicional de ensino. Apresenta, de modo crítico e irônico, uma metáfora do Brasil atual, do processo de desmonte do ensino, de demonização da figura do professor e de imbecilização da sociedade, cada vez mais enferma.

Adoecemos de nós mesmos, de nossos medos, de nossas conviências. "E se alguém se curar?", pergunta o Desmontador. "Adoecerá depois de outra coisa. A Higiene não falha. Nosso objetivo é a implantação do sistema", responde o Interventor-Chefe. Busca-se a construção de um hospital sem médicos; afinal,

O INTERVENTOR-CHEFE – Pra que médicos, se temos o hospital? Também não é necessária essa gente toda da saúde. Os doentes precisam entender a noção de fidelidade, e isso não se ganha com cura. Se ninguém adoecer mais, a Higiene terá de fechar farmácias. Toda essa estrutura perde o sentido,

entende? Adeus máquina de café! Vamos fazer o que com um espaço destes, por exemplo?

O DESMONTADOR – Transformar numa sala de aula?

E o ciclo recomeça. Temos uma cenografia que se ressignifica ao longo da fábula, apresentando a transformação do espaço como questão metonímica e central. Mas não se trata de qualquer espaço, e sim de lugares que se caracterizam como ícones sociais e indicadores de capital simbólico. Assim, como ter voz em uma sociedade que nos silencia, como transitar com pernas grandes demais em um contexto que define o tamanho certo para nossos passos? A única alternativa é amputar tudo aquilo que não se encaixa. E passar despercebido mantendo o sistema. A justiça não está do nosso lado, os processos judiciais são manipulados e precisamos de um bode expiatório para expiar nossas culpas e nossa própria existência.

Hospital-Bazar apresenta, portanto, uma dramaturgia que assume seu lugar estético, criando fábulas possíveis para tempos possíveis, impulsos de criação em meio à desordem do país e a um contexto político no qual tudo pode ser capitalizado.

Se a arte não puder nos salvar, que pelo menos nos faça as perguntas que precisamos ouvir. Entre absurdos e desvios, tudo na obra de Altair Martins nos soa possível. Sobreviver em meio a este panorama é assustador e, ao mesmo tempo, inevitável. Se há esperança, não é evidente encontrá-la na impotência dos personagens

diante deste processo de higienização como sintoma de uma doença muito maior que ainda está sendo construída e que precisa ser decifrada.

Gritamos aquilo que não deve ser ouvido. Abrimos mão de nossas vidas e de nossas juventudes em nome de um sistema em vias de extinção e que, mesmo moribundo, nos destrói. Aceitamos ser propriedades de um Estado que não é livre e consumimos remédios que nos espalham doenças ao invés de nos curar. Precisamos resistir ao descaso e ao tempo, à indústria do capital desenfreado. Na afirmação do Interventor: "só a dor e a cicatriz resistem na memória dos tempos". Mas de que tempo estamos falando? Presente, passado e futuro se misturam em semelhanças desconcertantes. Amputamos aquilo que nos sobra enquanto tomamos café olhando peixes presos em um aquário. Até quando?

Camila Bauer, maio de 2019.